



Levantamento e identificação de documentos pertinentes à valorização do patrimônio cultural no acervo do museu de Santa Rosa/RS

Estefani Caroline Basso Lago,
Instituto Federal Farroupilha - campus Santa Rosa, Brasil
estefani_basso@outlook.com

Vitor Matheus Haab,
Instituto Federal Farroupilha - campus Santa Rosa, Brasil
vitorhaab@outlook.com

Palavras-chave :

Crescimento urbano; Levantamento documental;
Patrimônio cultural; Registros fotográficos.

RESUMO

Cada cidade passa pelo processo de crescimento e amadurecimento que direciona sua forma. Para Chauí (CHAUÍ, 2006, p.125-128), a memória é definida como a evocação do passado, a sua atualização, conservando na lembrança o que se foi. Para além da memória individual, inserida na dimensão pessoal, há a memória coletiva e social, registrada nos documentos, relatos e produtos de uma sociedade, tais como a fotografia. Essa é encarada como um instrumento capaz de reproduzir um momento, solidificando distintos períodos das cidades e de suas transformações sofridas. Rosane Possamai (2005) defende os documentos iconográficos como os próprios registros documentais da preservação, ressaltando que as fotografias são fragmentos da história, porém muitas vezes sofrem influência do seu autor, e podem enfatizar um quadro específico da sociedade, cabendo assim olhar crítico sobre a mesma. A cidade, tal qual lhe é comum, acompanha sua paisagem urbana como um elemento de transformação cotidiana. Sua trajetória de ocupação ratifica e chancela tais mudanças e, a partir de registro fotográfico, o presente trabalho busca mapear e articular, de forma cronológica, as transformações

da paisagem santa-rosense a partir do acervo fotográfico do Museu Municipal de Santa Rosa/RS. Tal iniciativa surge dentro do projeto de extensão “Levantamento e Identificação de Documentos Pertinentes à Valorização do Patrimônio Cultural no Acervo do Museu Municipal de Santa Rosa/RS”, desenvolvido por alunos e professores do curso de Arquitetura e Urbanismo do Instituto Federal Farroupilha – campus Santa Rosa em parceria com o próprio Museu. Ao decorrer das atividades, a identificação de documentos fotográficos pertinentes a evolução da paisagem urbana são perceptíveis e, a partir disso, o presente trabalho se constitui. Assim, um trabalho conjunto se formata, com o objetivo de proporcionar informações acerca do patrimônio cultural local em suas distintas manifestações, a promoção de ações de caráter educativo com a comunidade, instigando seu empoderamento em relação aos elementos identificados como patrimônio cultural e instrumentando-a para suas próprias relações e atribuições de sentido, assim como identificar elementos, referência e paisagens, no Município de Santa Rosa/RS, que sejam percebidos pela comunidade como relevantes. O reconhecimento dos períodos da história local a partir do acervo fotográfico sustenta o imaginário da comunidade e fomenta sua conscientização e pertencimento enquanto grupo social. O estudo encontra-se em etapa de reconhecimento do acervo, com expectativa de desenvolvimento de produtos acessíveis ao grande público e de entendimento fácil, assim como quadros de evolução urbana e modificações da paisagem de Santa Rosa a partir de seus registros precedentes, ressaltando suas transformações e a diferença entre seu passado e seu presente. A partir das ações de caráter educativo, buscar-se-á a participação comunitária também para a concepção dos conteúdos que transcendem a valorização do patrimônio cultural, de bens culturais materiais e imateriais de Santa Rosa àqueles já consolidados no imaginário coletivo, tais como as estações férreas ou a antiga Prefeitura Municipal, por exemplo.

A fotografia no processo de crescimento urbano das cidades

A paisagem das cidades é formada através do crescimento nas diversas camadas temporais. Podemos considerar a imagem um registro de diferentes períodos e culturas, na qual pode-se interpretar a paisagem urbana bem o crescimento urbano desenvolvido. O enfoque dos retratos da cidade possibilita compreender determinada sociedade, e observar a evolução e o dinamismo da paisagem, torna-se passível de leitura. (COELHO, 2011)

“Ao pensarmos a paisagem como resultado da ação da cultura sobre a natureza, veremos que a passagem do tempo também altera suas formas. Abrigando os espaços construídos em 4 múltiplas combinações por superposição, substituição ou composição, a cidade, enquanto materialidade, é composta por várias camadas, mais ou menos aparentes. Se as formas se alteram pela ação do tempo sobre o espaço, as funções e significados também se transformam, fazendo com que a cidade esteja constantemente se refazendo.” (COELHO, 2011, p.3-4)

As camadas que compõem as vistas urbanas são passíveis da observação de seu leitor e de sua capacidade de compreensão. Quando nos voltamos a observação registros da paisagem inexistentes no tempo atual, trabalhamos também com a fragmentação e a memória do espaço, uma vez que a imagem é apenas um recorte do espaço-tempo. Os diferentes elementos iconográficos, quando datados podem traçar linhas evolutivas, revelando a dinâmica dos lugares, as motivações sociais e culturais.

A observação das diversas paisagem levanta questionamentos acerca de seu valor natural, histórico ou cultural; para as quais deveriam existir políticas públicas de preservação e valorização. O processo de identificação dos elementos que compõem o panorama urbano, auxilia na valorização e no aprimoramento da história, tornando-se fundamental para que as políticas públicas urbanas não sejam voltadas apenas a geração econômica (COELHO, 2011). Torna-se necessário a sensibilidade ao trabalhar com materiais de cunho histórico-social.

Segundo Passamai, existe um certo analfabetismo por parte dos historiadores quando se refere ao uso das imagens para marcar períodos. Representações do mundo real, as imagens podem representar crenças, ideologias e visões do lugar e da época. Mesmo diante disto a fotografia, criada para ser uma representação fiel a realidade, foi encarada apenas como uma fonte secundária de pesquisa, não sendo usada como forma de validar informações. Apesar de não ganhar muita ênfase no processo de caracterização histórico, a fotografia mostra-se, como um fonte de fácil interpretação, capaz de demonstrar o crescimento do processo urbano de uma cidade e criar linhas evolutivas de tempo, mostrando as tecnologias que vão sendo adquiridas ao longo dos anos.

O lugar do patrimônio na paisagem urbana

Muitos são os lugares guardam memórias e fatos históricos. Essa memória pode ter importância para uma pessoa, uma família ou uma comunidade. Quando falamos de uma cidade, torna-se importante destacar os patrimônios com importância para a comunidade geral.

A partir de pesquisas distintas e em outras oportunidades, foi possível reconhecer, ainda que superficialmente, o potencial do acervo municipal de Santa Rosa/RS, nas diversas fontes existentes, principalmente as fotografias, assim como as circunstâncias adversas de guarda e conservação, como também das edições do jornal local “A Serra” entre 1933 e 1970, em que são descritos vários acontecimentos importantes dentro do cenário do patrimônio cultural local, como por exemplo a construção da sede da Prefeitura Municipal, a igreja matriz católica e a construção de prédios dentro do eixo histórico da cidade.

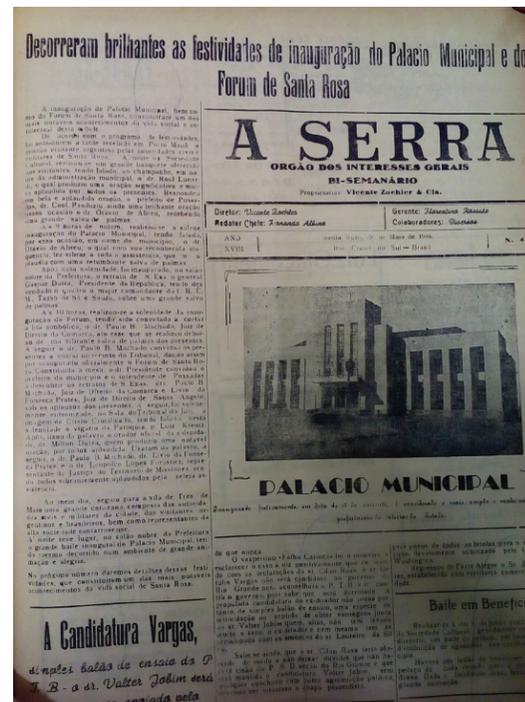


Figure 1: Jornal A Serra de 09 de maio de 1946, com enfoque na construção da sede da Prefeitura Municipal.

A partir de tal demanda, surge a ação extensionista, buscando colaborar com ações em prol de melhores condições de conservação do acervo municipal, especialmente a partir de nosso olhar dentro das discussões sobre o tema em Arquitetura e Urbanismo. Percebendo a potencialidade de acesso e a riqueza de possibilidades para novos projetos em prol da valorização do patrimônio cultural santa-rosense sendo capaz de rememorar a história municipal e identificar crescimento do cenário urbano, bem como reproduzir a memória local naquele período histórico, a qual possui grande importância para uma pessoa, uma família ou até mesmo para os moradores de uma cidade.

A preservação de uma edificação, a qual teve grande importância para um grupo social, faz com que a história da cidade seja reconhecida e se mantém viva, interferindo diretamente na paisagem urbana. As cidades muitas vezes são reconhecidas por monumentos e edificações históricas, trazendo suas características próprias e sua identidade. A preservação de uma vista urbana, de uma fachada, acaba causando mais impacto a população como um todo, do que o próprio restauro da edificação, devido ao imaginativo urbano da população sobre um determinado local. O patrimônio dentro da paisagem urbana, demonstra o processo de crescimento e evolução da cidade, rememorando e destacando suas características construtivas e arquitetônicas do período.

Rufinoni (2013), traz para este contexto o termo “restauro urbano”. Para a autora, é visível nas cidades a preocupação com os elementos históricos, posterior aos planejamentos urbanos. Salvo algumas cidades, principalmente as que trabalham dentro de sua economia com turismo histórico, as políticas públicas não prevêm proporcionam muitas leis ou incentivo a preserva-

ção das edificações e vistas urbanas. Em contrapartida da própria população, é cada vez mais cobrado a preservação das paisagens urbanas.

Um dos grandes questionamentos ao falarmos da preservação da cidade, é seu engessamento, ou ainda a identificação da parcela urbana com caráter histórico e/ou cultural com potencial para essa preservação e com o qual a cidade se identifique.

A imagem como forma de memória e patrimônio local

O Município de Santa Rosa, localizado na região Noroeste do Rio Grande do Sul, é novo se comparada a outras cidades brasileiras; Esse passou por três períodos distintos de crescimento e urbanização, conforme registro de Christensen (2008): desde sua formação, em 1914, até sua emancipação, no ano de 1931, quando acontece a consolidação do centro antigo (popularmente chamado “Cidade Baixa”); a segunda fase, entre 1931 e 1964, marcada pelo surgimento de novos equipamentos urbanos, tais como a Prefeitura Municipal e a Estação Férrea local, em uma nova região da cidade, deslocando o antigo centro para a “Cidade Alta”; e, por fim, a consolidação desta nova centralidade apesar da perda dos atratores originais (abandono da edificação da Prefeitura, que passa a ocupar um novo prédio em via de maior porte, combinada com a decadência do transporte ferroviário, entre outros exemplos).



Figure 2: Vista da prefeitura municipal em 1972.

O avanço tecnológico permitiu que a criação e evolução da paisagem da cidade fosse registrada; junto com os documentos escritos, é possível manter viva a história local. A poucas décadas, para a parte analfabeta da população, as imagens eram a única forma de interpretação independente de um determinado relato, adquirindo assim nas sociedades interiores mais importância.

A fotografia surge como uma maneira de registrar um determinado momento e/ou paisagem, destacando características e um determinado período. Ressalta-se as fotografias das famílias, que tinham o objetivo de demonstrar e manter presente as gerações passadas. Le Goff considera que o fenômeno da fotografia democratizou a memória, dando-lhe “uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica” (LE GOFF, 2012, p. 446).

Em Santa Rosa a primeira fotografia registrada é datada de 1908, em que demonstra a família de Coronel Bráulio de Oliveira, grande líder da região e idealizador da Colônia Santa Rosa, sendo proprietário na região de Cruzeiro, hoje bairro Cruzeiro.



Figure 3: Família do Coronel Bráulio de Oliveira em 1908.

Outros registros da época demonstram o processo de desmatamento da mata nativa da região que possibilitou a colonização nos anos que se sucederam, em que mostra pessoas em uma pequena cabana de madeira e palha. Esses moradores eram nacionais e caboclos que viviam em meio a mata, em alguns casos organizados em pequenas comunidades. Como a habitação retratada, a maior parte das existentes na região eram construídas de forma precária e com os materiais existentes no local. A autoria da foto é desconhecida, porém fez parte do processo de evolução e reconhecimento da área para a criação da colônia mista de Santa Rosa, que veio a se emancipar em 1931 como município.

Outros registros dessa década e da seguinte fazem o retrato de pequenos acontecimentos e lugares, mostrando principalmente os meios de transporte: as carroças puxadas por bois, o transporte náutico e as edificações consideradas mais importantes. Com essas, percebemos a evolução constante dentro da cidade, bem como o desenvolvimento tecnológico que começa a ganhar forma, tendo interferências futuras dentro da cidade.

Na década de 30, já é possível notar o aumento dos documentos do acervo, mostrando eventos relevantes a população, a criação das indústrias, aumento do comércio e a expansão da construção civil; nesse período, com as vias já traçadas e abertas era possível a construção em alvenaria, que com o incentivo do governo municipal para gerar um rápido desenvolvimento foi uma ideia amplamente adotada. Muitas pessoas demoliram suas habitações em madeira e construíram novas construções em alvenaria.

Uma fotografia, aparentemente simples mostra uma construção no processo de acabamento, voltada para uma rua de terra batida e cujo ao fundo se veem construções em madeira. Segundo informações do Museu Municipal/SR, trata-se do registro da primeira casa de alvenaria na cidade.



Figure 4: Construção da primeira casa em alvenaria.

Outras edificações desse período como as construções de prédios comerciais da construtora Medaglia nos anos 30 e 40, os edifícios e locais públicos públicos, como a inauguração de praças, casas de figuras políticas e seus respectivos donos formam um recorte da história.

Contudo, podemos perceber que muito desse período, até a década de 80, são registros prioritariamente da área urbana, eventos e lugares importantes e celetistas, mostrando a paisagem urbana, mas não a imagem da evolução urbana como um todo, onde muitas vezes a periferia tem sua participação apagada da história.

De 1990 a 2010 (artigos mais recentes de posse do acervo do Museu Municipal), é possível encontrar uma quantidade expressiva de documentos, onde a popularização da tecnologia permitiu que muitas atividades e expansão urbana fossem registradas, o registro do município, nesse período, descentraliza a visão do município que até então era em grande maioria voltada as classe mais

elevadas, trazendo registro das comunidades mais pobres, de vilas em situação de risco, realoca-mentos, entre outros aspectos que permitem um maior quadro da comunidade.

O patrimônio se conceitua em uma construção social, em que depende daquilo que um deter-minado grupo humano, em dado momento, considera digno de ser legado às gerações futuras (DANTAS, 2015). Em relação a isso, o uso da fotografia surge como instrumento de preservação e conservação das edificações. Essa torna-se uma fonte de extrema importância para desta-car características presentes em tal edificação referentes a um determinado período histórico, podendo ser: detalhes, como beiral, platibanda, portada, colunas, janelas, sacadas e grades. O uso das imagens para manter viva a história de um lugar, o qual possui importância para um determinado grupo de pessoas, torna-se na maioria das vezes o único recurso existente. O uso desse modelo de fonte, contribui constantemente para justificar o tombamento das edifica-ções, servindo como forma de constatar a veracidade da edificação.

Os inúmeros registros da história santarosense são fragmentos contados através da imagem, que complementam os registros escritos normalmente mais formais. A fotografia por outro lado pode muitas vezes ter uma leitura afetiva, transpassando a vivência e as emoções da oca-sião captada pela câmera, assim como relatar e transcrever a valorização de um determinado lugar, trazendo à memória das edificações, do crescimento urbano e da história das cidades.

Referências

CHAUÍ, Marilena. Cidadania cultural: O direito à cultura. São Paulo: Ed.Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHRISTENSEN, Teresa. Santa Rosa: Histórias e Memórias. Santa Rosa. Palloti, 2008. 377 p.

COELHO, Letícia Castilhos. A Paisagem na Fotografia, os rastros da memória nas imagens. 22 f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Grupo de Pesquisa Identidade e Território, 2011. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/gpit/wp-content/uploads/2011/03/castilhos-leticia-a-paisagem-na-fotografia.pdf>.

LE GOFF, Jacques. História e memória. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012a. p. 509-524.

POSSAMAI, Zita Rosane. Fotografia e cidade. 2010. 16 f. Uberlândia, 2010.

RUFINONI, Manoela Rossinetti. Preservação e Restauro Urbano: Intervenções em sítios His-tóricos industriais. São Paulo: Fap Unifest, 2013. 360 p.